

XXXIV

VOZES NO DESERTO

A psicologia dos tempos modernos, no planeta terrestre, apresenta as questões mais interessantes á observação das inteligencias atiladas e estudiosas dos problemas sérios da vida.

Todos os sociologos falam da necessidade de providencias que amparem os homens, á beira dos abismos escuros do morticínio e da destruição.

Ante o domínio das crises de toda a natureza, foi na Europa que começaram os clamores e as exortações. Todos os analistas dos problemas sociais falaram em morte da civilização, em necessidades imperiosos dos povos, em doutrinas novas de revigoração das coletividades, dentro do proposito de solucionar as suas questões economicas. No exame de quase todos os problemas desse jaez, solicitou-se a colaboração da Sociedade de Genebra, com o objetivo da cooperação necessaria de todos os países. Surgiram, então, os regimes de experiência, em que, na actualidade, assistimos ás actividades dos manipuladores das massas. E nesses mesmos clamores transportaram-se á Asia. Enquanto a China preferia descansar no seio das suas tradições, o Japão estabelecia um pacto de cooperação com o Ocidente, organizava tratados e entendimentos, criando, apressadamente, a sua

hegemonia pelas armas, com a doutrina da unidade asiática.

Todas as nações organizadas da Europa e do Oriente queixam-se da super-lotação e da necessidade de colônias. Os clamores então se transportam igualmente para a America, que, se já sofria os funestos efeitos da inquietação do mundo, sentia-se na obrigação de salvar os seus imensos patrimônios territoriais e as suas não menores possibilidades economicas, contra possíveis avanços do imperialismo politico e da pilhagem das grandes potencias. As místicas nacionalistas são então exaltadas. Alguns artistas do pensamento vendem-se á exibição e á falsa gloria do Estado e, como D'Annunzio, abençoam os ventres maternos que tiveram a ventura de gerar um soldado para os massacres da patria e exaltam o adolescente que encontrou numa ponta de baionêta o seu primeiro e último amor.

A verdade, porém, é que os esforços de todos os estudiosos do assunto não têm passado de um jôgo deslumbrante de palavras.

Ha muitos anos fala-se que o mundo necessita de paz. Entretanto, talvez que a corrida armamentista de agora exceda a de 1914. Todos os países organizam as suas armadas, as suas frotas aéreas e os seus exercitos mecanizados, com todos os requisitos estrategicos, isto é, integrados no conhecimento de toda a tecnologia moderna e com a guerra química, na qualidade de complemento indispensavel das atividades bélicas de cada nação.

Ha muitos anos fala-se da necessidade de um entendimento economico entre todos os países. Cada vez mais, porém, complica-se a questão com as doutrinas do isolamento, com as barreiras alfandegarias, oriundas do nacionalismo de incompreensão, com a ausência formal de qualquer colaboração e com principios absurdos que vão parализando milhões de braços para o trabalho construtor, gerando a miseria, a desharmonia e a morte.

A cultura moderna sai a campo para pregar as necessidades dos tempos. Escritores, artistas, homens do pensamento, reformistas, falam exaltadamente da regeneração esperada; condenam a sociedade, de cujos erros participam todos os dias, fazem a exposição das angústias da época, relacionam as suas necessidades, mas, se as criaturas bem intencionadas lhes perguntam sobre a maneira mais fácil de socorrer o homem aflito dos tempos atuais, essas vozes se calam ou se tornam incompreensíveis, no domínio das sugestões duvidosas e das hipóteses inverosímeis.

E' que o espírito humano está esgotado com todos os recursos das reformas exteriores. Para que a fórmula da felicidade não seja uma banalidade vulgar, é preciso que a criatura terrestre ouça aquela voz — "aprendei de mim que sou manso e humilde de coração".

Os reformadores e os políticos falarão inutilmente da transformação necessária, porque todas as modificações para o bem têm de começar no íntimo de cada um. E' por essa razão que todos os apêlos morrem, na atualidade, na boca dos seus expositores, como as vozes clamantes no deserto; ninguém os entende, porque quase todos se esqueceram da transformação de si mesmos, e é ainda por isso que, no frontespício social dos tempos modernos, no planeta terrestre, pesam os mais sombrios e sinistros vaticínios.